ELOGIO
DO
EXC.^{MO} E REVER.^{MO}
SENHOR
D. FRANCISCO
DE ALMEIDA MASCARENHAS,

Principal da Santa Igreja de Lisboa, do Conselho de Sua Mageſtade &c.

Eſcrito,

E DEDICADO

AOS ILLUSTRISSIMOS, E EXCELLENTISSIMOS Senhores da Caſa de Aſſumar, Irmãos do meſmo Senhor,

POR

FRANCISCO JOSEPH FREIRE
natural de Lisboa.

✠

LISBOA,
Na Officina de IGNACIO RODRIGUES.

M. DCC XLV.
Com todas as licenças neceſſarias.

Vende-ſe na Logea de Manoel da Conceiçaõ Livreiro na rua direita do Loreto junto ao Excellentiſſimo Conde de S. Tiago.

ILLUSTRIS. E EXCELLENT.

SENHORES

AÕ foy o obſequio devido à Caſa de VV. Excellencias o que me animou a pegar na penna, para eſcrever

 o Elo-

o Elogio à memoria ſempre ſaudoſa do Excellentiſſimo Senhor Principal de Almeida Maſcarenhas. Naõ há em mim tanta preſumpçaõ, que ignora, que para haver de ſaber dignamente obſequiar, faltaõ ao meu talento aquellas circunſtancias, pelas quaes chegaſſe a ſer merecedor da approvaçaõ, e do louvor de VV. Excellencias. Só as Aguias devem render obſequios ao Sol, porque ſó ellas tem voos, para lhe examinar os reſplendores. Quem unicamente me animou, foy aindeſpenſavel ley da obrigaçaõ; aquella, que ſempre devi à bondade do Senhor Principal, que eſtá no Ceo, ou foſſe honrando minha peſſoa com a ſua innata affabilidade, ou naõ deſprezando meus eſcritos com a ſua rara modeſtia. Naõ me embaraçaraõ neſta empreza as minhas debeis forças; porque conſiderey, que hia a moſtrar qual era a minha gratidaõ, e naõ o

meu

meu talento. Naõ ſe atemoriſaõ os rios mais pobres de chegar ao mar com pouca corrente; porque ſabem, que vaõ agradecidos, e naõ generoſos, tributarlhe as aguas, que levaõ. Se huma obrigaçaõ me fez eſcrever, outra me faz dedicar eſtas Memorias a VV. Excellencias; pois igualmente por hum impulſo da ſua naõ vulgar benignidade naõ deixaõ paſſar occaſiaõ de me honrarem como Cavalheros, e de me deſvanecerem como Sabios, de tal modo, que pela diſtinçaõ, com que me honraõ, podem ſer muitos os que me invejem. Confeſſo a VV. Excellencias, que vou receoſo offerecerlhes eſte Elogio: perſuado-me, que eſta offerta irá affligir mais (ſe he poſſivel) os ſeus magoados coraçoens; porque olhando VV. Excellencias para a baixeza de meu eſtylo, diraõ, que pude fazer infelice a memoria do Senhor Principal; pois devendo lograr aquella meſma felicidade,

licidade, que invejava Alexandre em Achilles, teve hum escritor tal como VV. Excellencias conhecem, e conhecerá o Mundo, quando ler este papel com aquelles olhos, q̃ sabem julgar. Porèm se esta razaõ me leva com receyo, outra me alenta, para offerecer sem susto a VV. Exceltencias esta Obra, que he o considerar, que a baixeza da maõ, q̃ offerece hum humilde sacrificio, naõ faz injuria à grandeza do Altar; porque os grandes Deoses, como dizia Ouvidio, naõ desprezaõ offertas pequenas: naõ olhaõ para o valor da davida, mas para o da sinceridade, que a acompanha. Porém sendo esta razaõ grande, ainda naõ he a mayor; a que mais me anima, he conhecer, que qualquer penna, que emprendesse o meu assumpto, cahiria no mesmo defeito. O seculo ainda he mais avarento em produzir Homeros, que Achilles; e se agora os produzira, nunca estes

com

com eloquente decencia informariaõ a posteridade dos raros dotes, com que se ornou aquelle sublime Espirito: podelloshiaõ comprehender, mas naõ explicar; porque se o talento lhes sobrasse faltarlhes-hiaõ as palavras, naõ achando lingua com expressoens taes, que podessem exprimir o verdadeiro caracter de taõ grande Alma. Parece infelicidade; porém he a mais alta ventura dos Varoens raros. Esta consideraçaõ he a que unicamente enxugará as lagrimas de VV. Excellencias, quando a natureza se cançar de sentir com igual dor a taõ sensivel perda do Senhor Principal; e acompanharaõ VV. Excellencias a Patria no alivio, assim como ella os acompanha no sentimento, lamentando-se de perder hum filho, que amaria como unico nos merecimentos, se VV. Excellencias naõ nascessem. He inutil pedir eu a VV. Excellencias o seu poderoso patrocinio contra os animos

taõ

taõ ſatyricos, como vulgares: ninguem buſca o que tem; e ſo devo rogar a VV. Excellencias, que me conheçaõ por hum dos mais parciaes da gloria, e do augmento da grande Caſa de VV. Excellencias, da qual ſou perpetuo devedor. Deos guarde a VV. Excellencias muitos annos. Lisboa 30. de Novembro de 1745.

Creado de VV. Excellencias.

Franciſco Joſeph Freire.

20

ELOGIO

Do Excellentis. E Reverendissimo Senhor.

D. FRANCISCO

DE ALMEIDA MASCARENHAS,

Principal da S. Igreja de Lisboa, do Conselho de Sua Mageſtade.

DAREY a ler à poſteridade com penna ſuccinta hum ſaudoſo Elogio à illuſtre memoria do Excellentiſſimo, e Reverendiſſimo Senhor D. Franciſco de Almeida Maſcarenhas, Principal da Santa Igreja de Lisboa, aquelle Varaõ, com quem Portugal ſingularmente ſe ennobrecia, naõ menos pelo alto eſplendor do ſangue, com que naſceo, que pelo das ſciencias, com que luzio.

Pedia aſſumpto taõ diſtincto proporcionado eſcritor ; porèm em quanto a eſte o naõ anima o zelo da Patria, daremos nós tambem a conhecer pelo dedo a hum Gigante, debuxando toſcamente neſte breve Mappa alguns dos raros merecimentos de taõ ſaudoſo Cavalhero; confiados, em que ſempre ſalvaremos em grande parte ſua honroſa memoria da fatal conſpiraçaõ dos ſeculos ingratos, que ſó para ſe eſquecerem, parece ſe coſtumaõ lembrar das altas calidades dos eſpiritos grandes.

Quizeramos, adorando os veſtigios do exemplar da eloquencia Portugueza, deſcrever a calidade dos meritos primeiro que a da origem, lembrando-nos antes dos Pays, que o fizeraõ immortal, que daquelles, que o geraraõ homem; porém como muitas vezes os merecimentos parecem conſequencia do eſplendor do ſangue, e no illuſtre objecto do noſſo aſſumpto ſe verefica, ſeria culpavel deſcuido naõ dizermos primeiro a origem,

gem, de q́ procedeo, como fonte, de que nafceraõ os merecimentos, com que tanto fe diftinguio.

Do antiquiffimo Tronco da Familia de Almeida, cujas folidas raizes ja haviaõ crefcido na infancia defta Monarquia, foy o Senhor D. Francifco de Almeida hum fruto taõ digno, que fe efta refpeitada Arvore naõ produzira outros, a fingularidade defte a podia fazer fecunda.

O Doutor Fr. Bernardo de Brito na fua Chronica de Cifter com verdade taõ pura, como a linguagem, com que efcreveo, deduz efte illuftriffimo Appellido de Payo Guterres, que por ganhar aos Mouros a Villa de Almeida no Reynado de D. Sancho I. mereceo a anthonomafia de Almeidaõ, como Scipiaõ a de Africano. Foy efte Cavalhero filho de Sueiro Paes, e neto de Pelayo Amado, que cazou com Moninha Guterres, e fervio taõ honradamente ao Conde D. Henrique, que tinha lugar ao lado defte

Principe, humas vezes como conſelheiro, outras como valido.

Animada de heroicos eſpiritos, creſceo tanto eſta veneravel Arvore, que por ſe ver carregada de tantos frutos, quantos eraõ os merecimentos, ſe dividio em diverſos ramos, entre os quaes he reſpeitado da rectidaõ Genealogica o da Caſa de Aſſumar, como deſcendente do grande D. Diogo Fernandes de Almeida, que por varonîa era nono neto de Pelayo Amado.

Foy eſte Cavalhero filho quarto de D. Lopo de Almeida I. Conde de Abrantes do Conſelho de ElRey D. Affonſo V. e de ſua mulher D. Brites da Sylva Dama da Rainha D. Leonor, e Camareira Mór da Rainha D. Iſabel. Se as leys do aſſumpto, que emprendemos, ſoffreſſem digreſſoens, eſcreveriamos dous Elogios; porque igualmente honrariamos noſſa penna com as memorias deſte Cavalhero, que ſoube vivamente copiar em ſi os heroicos originaes de ſeus Mayores.

yores. Unicamente diremos, que a calidade de ſua peſſoa, e a de ſeus merecimentos o chamaraõ para o authorizado lugar de Prior do Crato, e de Monteiro Mór de ElRey D. Joaõ II. que o eſtimou, como era raro coſtume deſte Principe aos que com ſuas acçoens authoriſavaõ o ſeu Reyno. Teve o grande D. Diogo Fernandes de Almeida em Iſabel Velez, filha de D. Alvaro Velez de Guevara, fidalgo Heſpanhol, e de Maria Alvares Zagallo, dos Senhores de Villa Fernando, entre outros filhos a D. Lopo de Almeida, que caſou com D. Antonia Henriquez, filha de D. Joaõ Pereira Commendador do Pinheiro, e de Dona Filippa Henriquez, e naſceo deſta uniaõ.

D. Pedro de Almeida, que por obrar naquelle prodigioſo theatro da heroicidade Portugueza, o ſegundo cerco de Dio, o valor, que herdàra com o ſangue, mereceo, além de outros lugares, e honras, ſer Preſidente do Senado da

Camara de Lisboa, e do Conſelho de Eſtado de D. Filippe II. onde reſuſcitou em ſi a Catañ, como no Oriente a Ceſar. Cazou com D. Maria Coutinho filha de D. Franciſco Pereira Commendor do Pinheiro, Eſcrivaõ da Puridade, e Embaixador a Caſtella, e Flandres, e de ſua terceira mulher Dona Bernarda Coutinho Dama da Rainha D. Catharina, e deſta ſagrada uniaõ naſceo.22

D. Lopo de Almeida Commendador de Loures, e Alcayde Mór de Alcobaça, que cazou com Dona Joanna de Portugal, filha de D. Joaõ de Portugal, neto dos primeiros Condes de Vimioſo, e de Dona Magdalena de Vilhena, de cujo matrimonio teve a D. Joaõ de Almeyda Veador da Caſa dos Senhores Reys D. Joaõ IV. e D. Affonſo VI. a quem igualmente ſervio de Repoſteiro Mór, e de ſeu Gentil-homem da Camara. Cazou com Dona Violante Henriquez, filha de D. Marços de Noronha, e de Dona Maria Henriquez; e deſte ſan-

ſanto vinculo naſceo o Senhor

D. Pedro de Almeyda I. Conde de Aſſumar, Védor da Caſa Real, e Viſo-Rey do Eſtado da India, Cavalhero de taõ altos merecimentos, que ainda ſe naõ enxugaraõ as lagrimas da Patria. Eſcolheo para o thalamo à Excellentiſſima Senhora D. Margarida Andre de Noronha, filha de D. Fernando Maſcarenhas I. Conde da Torre, e da Condeſſa Dona Maria de Noronha, e teve entre outros filhos ao Senhor

D. Joaõ de Almeida de Portugal II. Conde de Aſſumar, Senhor da dita Villa, Alcayde Mór de Santarem, do Conſelho de Eſtado, e Guerra de El-Rey Noſſo Senhor, e Gentil-homem da ſua Camara. Foy eſte Fidalgo na ſua idade hum Varaõ raro; porque ſendo Embaixador extraordinario na Corte de Barcellona a ElRey D. Carlos III. e Academico da Academia Real da Hiſtoria Portugueza, illuſtrou a Patria, e a Politica, a erudiçaõ, e a eloquencia.

Uni-

Uniraõ-no as virtudes no thalamo com a Excellentiſſima Senhora D. Iſabel de Caſtro, ſua Prima com irmãa, filha do Senhor D. Joaõ Maſcarenhas I. Marquez da Fronteira, e da Excellentiſſima Senhora D. Magdalena de Caſtro; e deſta feliciſſima uniaõ deixou à ſua grande Caſa glorioſa poſteridade; porque naſceo o Excellentiſſimo Senhor

D. Pedro de Almeida, Cavalhero de altas calidades, que com o titulo de Marquez de Caſtello Novo paſſou a governar a India, como Viſo-Rey daquelle Eſtado, onde Deos o proſpere para deſempenhar, como Almeida, as obrigaçoens, com que naſceo. O Excellentiſſimo Senhor D. Diogo Fernandes de Almeida Portugal, (ſegundo na ordem dos que hoje vivem) que na Univerſidade de Coimbra, como Porcioniſta do Collegio Real, na Inquiſiçaõ de Lisboa, como Deputado, e na Academia Real, como Academico, e Cenſor, deu taõ claro argumento das ſuas letras, que mereceo

mereceo ſer elevado á Dignidade de Principal da Santa Igreja de Lisboa. O Excellentiſſimo Senhor D. Franciſco de Almeida Maſcarenhas ſaudoſo aſſumpto deſte Elogio. O Illuſtriſſimo Senhor D. Antonio de Almeida, que ſendo Porcioniſta do Collegio Real de Coimbra, fez Actos grandes na Faculdade Canonica, e ſeguindo, como nos eſtudos, o eſtado de ſeus Irmãos, abraçou a vida Eccleſiaſtica, e foy Arcediago de Valdige na Sé de Lamego, de cuja Dignidade paſſou para a de Prelado Mitrado da Santa Igreja de Lisboa, que illuſtra mais com a grandeſa de ſeus merecimentos, que com a de ſeu ſangue. O Senhor D. Joſeph de Almeida, que he benemerito Cavalleiro da Illuſtriſſima Ordem de S. Joaõ de Malta, e taõ inſtruido naquellas Artes, que ſaõ neceſſarias ao ſeu diſtincto naſcimento, que nem a inveja lhe nega os louvores. A Excellentiſſima Senhora Dona Magdalena Bruna de Caſtro, que caſou com o V. Con-

de dos Arcos D. Thomaz de Noronha. A Excellentiſſima Senhora D. Margarida de Noronha, que ferida daquella meſma ſetta, que penetrou o coraçaõ de S. Tereſa de JESUS, abraçou o ſeu auſtéro Inſtituto, entrando no Convento de Noſſa Senhora da Conceiçaõ dos Cardaes. A Excellentiſſima Senhora D. Luiza do Pilar e Noronha, que ſendo Dama da Rainha Noſſa Senhora, e eſtando contratada a cazar com ſeu Primo D. Franciſco Maſcarenhas III. Conde de Coculim, olhou para eſta fabula do Mundo, e naõ quiz repreſentar neſta grande ſcena a grandeſa da ſua peſſoa, recolhendo-ſe ao ſanto Clauſtro das Capuchas Deſcalças da Madre de Deos deſta Corte. A Excellentiſſima Senhora Dona Maria de Noronha, a quem as virtudes collocaraõ por eſtrella no Ceo Dominicano, inſpirando-a a entrar no Moſteiro do Sacramento deſta Cidade. E ultimamente os Senhores D. Manoel Cavalleiro de Malta ainda no berço, D.

Fer-

Fernando, D. Franciſco, e D. Antonio; e as Senhoras Dona Violante, e D. Maria, que todos ornados da candida veſtidura da innocencia voaraõ para a Regiaõ das almas eſcolhidas.

De huns Aſcendentes taõ illuſtres, que ſem elles naõ ficaõ glorioſos os Faſtos Portuguezes, e de hum thalamo tam virtuozo, que era o domicilio das virtudes, naſceo o Senhor D. Franciſco de Almeida na Cidade de Lisboa, que por ſer a Capital do Reyno, lhe tocava huma honra taõ diſtincta. Vio a primeira luz em 31 de Julho de 1701, que ſendo principio de hum ſeculo, occultamente nos dava a entender o quanto eſte ſeria feliz para as Sciencias, pois começava produzindo a quem ſempre o faria memoravel nas idades vindouras.

Aos 11 de Agoſto pelas ſantificadas aguas do Baptiſmo renaſceo melhor homem para o rebanho eſcolhido do Evangelho, recebendo eſte Sacramento na Freguezia de Santa Catharina do Monte Si-

nay, que lhe miniſtrou ſeu tio paterno o Senhor D. Fernando de Almeida Deputado dos Tribunaes do Santo Officio de Lisboa, da Junta dos Tres Eſtados, e Sumilher da Cortina dos Senhores Reys D. Pedro II. e D. Joaõ V. Fidalgo ainda mais reſpeitado pela authoridade adquirida, que pela herdada; e aſſiſtiraõ como Padrinhos a eſte ſagrado acto o grande Marquez das Minas D. Antonio Luiz de Souza, e a Senhora Condeſſa da Atalaya D. Franciſca de Mendoça.

Apenas entrou no Senhor D. Franciſco de Almeida a rayar a primeira luz da razaõ, logo ſeus Excellẽtiſſimos Pays lhe foraõ enſinando com a pratica das virtudes as particulares obrigaçoens, com que viera ao Mundo, naſcendo Cavalhero; querendo deſte modo gerallo novamente com melhor vida, e mais elevada origem. Obedeciaõ promptamẽte à cultura eſtas virtuoſas ſementes, porque eraõ tantos e taõ ſazonados os frutos, que as virtudes com admiraçaõ o contavaõ por adulto nos ſeus an-

annos mais tenros.

Instruido nesta santa disciplina, como se lhe dera o berço o Claustro mais austéro, entrou o Senhor D. Francisco de Almeida a habilitarse para possuir o cõmum patrimonio dos filhos segundos de Fidalgos Portuguezes, que saõ as letras, principiando em sua caza a estudar os rudimentos da Latinidade com o Padre Manoel Rodrigues Dias, que morreo Prior da Igreja de S. Pedro de Torres Novas, hum dos mayores homens, que na sua idade contou Portugal no inteiro conhecimento da pura lingua da antiga Roma. Era o engenho agudo, a memoria feliz; e como a estes dotes se unia huma grande applicaçaõ aos estudos, fez esta nelle aquelles louvaveis progressos, que muitas vezes naõ póde conseguir a suave diligencia dos Mestres, e menos a rigorosa do castigo.

Acabado o estudo da Grammatica, como se se applicara a elle para haver de o praticar com o publico, passou a ins-

truir-

truirſe nas linguas Italiana, e Franceza, e do adiantamento, que fez nellas, baſtará dizer, que as entendia com perfeiçaõ, e as fallava com propriedade.

Deveolhe a Arte Muzica particular deſvelo, aprendẽdo na idade propria todas as ſuas regras com tanto goſto, e applicaçaõ, que entaõ as praticou no inſtrumento da Flauta doce, tocando-a com aquelle fundamento, e eſtylo, que diſtingue ós profeſſores dos curiozos.

Já neſte tempo contava o Senhor D. Franciſco de Almeida a idade de 14 annos, quando paſſou a eſtudar Filoſofia na Congregaçaõ do Oratorio deſta Corte, ſempre benemerita deſte Reyno; porém naõ ſabemos, ſe mais por enſinar na cadeira a eſpeculaçaõ das Sciencias, ſe no Confeſſionario a pratica das virtudes. Pela boca do Padre Filippe Neri era entaõ Ariſtoteles quem dictava as ſubtilezas da ſua Logica, as experiencias de ſua Fiſica, e as abſtracçoens da ſua Methafiſica; e tendo a felicidade de ouvir a hum tal

tal Meſtre hum diſcipulo de taõ engenhozo talento, he inutil determo-nos em eſcrever os progreſſos, que fez neſta faculdade, ou foſſe na nervoſa ſubtileza, com que argumentava, ou nas profundas reſoluçoens, com que defendia; e aſſim fallaremos ſó com o ſilencio nas Concluſöens, que em 7. de Setembro de 1717. defendeo publicamente na Igreja da meſma Congregaçaõ ſobre huma grande parte deſta utiliſſima Sciencia.

Como a elevada grandeza do ſeu talento pedia mayor esféra para luzir, logo no mez de Outubro do meſmo anno foy mandado eſtudar a ſagrada faculdade dos Canones à Corte das Sciencias, a Univerſidade de Coimbra. Entrou por Porcioniſta do Collegio Real por Provizaõ de 10. de Setembro, e tomou poſſe do lugar em 21. de Outubro do meſmo anno, ſendo Reytor o Doutor Manoel de Mattos, hoje Prelado da S. Igreja de Lisboa, Varaõ; que na Univerſidade pelas ſuas profundas letras ou-

via

via os primeiros applausos, e nesta Corte pelas suas virtudes naõ logra a segunda estimaçaõ.

Contava o Senhor D. Francisco de Almeida dous annos de Collegio, quando em 28. de Agosto de 1719. foy provido pelo Reytor do Convento de S. Eloy desta Cidade em hum Beneficio simples na Parochial Igreja de S. Bartholomeu da mesma Cidade; e logo no anno seguinte a Santidade entaõ reinante de Clemente XI. o proveo tambem no Beneficio simples de Arcediago de S. Pedro de França, Dignidade na Cathedral de Viseu.

Neste Real Collegio, Santuario das Sciencias, no qual he veneravel o Appellido de Almeida, como hum dos que melhor assentaraõ a baze à estatua da sua fama, principiou o Senhor D. Francisco de Almeida a estudar a faculdade Canonica, como quem a havia professar, e ser nella hum Varaõ, que teve poucos, que o igualassem, e ignoramos se teve algum, que o excedesse.

Naõ

Naõ chega a actividade das expressoens mais vivas da eloquencia a poder explicar qual era a sua curiozidade, qual o seu estudo, e quaes os maduros frutos, que delle tirava; o mais que se póde dizer, he, que servia de objecto de admiraçaõ a todo aquelle Real Collegio. Huns admiravaõ a incessante applicaçaõ, com que dezejava dar mayor valor ao seu talento, outros a profundidade, com que corria o denso véo á sagrada sciencia, que aprendia, outros a felicissima memoria, com que fez ao seu entendimento Archivo da faculdade Canonica, outros a insaciavel sede de comprar livros, como preciosas alfayas para ornato mais do juizo, que da Cella, e todos concordavaõ, que parecia injuria naõ se lhe dar o nome de Mestre, já que a sua modestia encobria o magisterio com o nome de discipulo.

Naõ pode esta virtude estar sempre encuberta, do mesmo modo, que o Sol naõ póde occultar sempre os seus

 res-

reſplendores; porque chegou o tempo, em que o Senhor D. Franciſco de Almeida havia publicamente moſtrar, qual era a precioſidade, do theſouro, que encerrava o ſeu talento. Veyo o anno de 1721. e a 2. de Mayo fez o ſeu Acto de Concluſoens, a 20. do meſmo mez do anno de 1722. fez o de Bacharel, e o de Formatura a 18. do meſmo mez do anno ſeguinte. Como eſtes Actos por mayor louvor, que nelles ſe conſiga, naõ ſaõ a pedra de tocar, em que ſe examinaõ os quilates dos grandes talentos, quiz dar o Senhor D. Franciſco de Almeida huma prova mais evidente de ſeus eſtudos, fazendo o Acto de Sufficiencia a 23. e Concluſoens Magnas a 30. do dito mez, e anno, acabando com o de Exame privado, que fez em 5. de Junho do meſmo anno, em cujo dia tomou igualmente o Grào de Licenciado em Canones. Eſtes Literarios certames he que moſtràraõ com evidencia ao publico, que naõ era liſonja ao ſangue o parti-

particular eonceito, que fazia deſte ſeu grande alumno aquella ſabia Republica das letras; elles foraõ os que deixáraõ deſvanecido aquelle Real Collegio taõ coſtumado a ver, e a produzir Varoens grandes, cuja gloria ſerà nelle perduravel em reſpeitada tradiçaõ, formando os ſeus Meſtres em ſi hum Elogio ſucceſſivo.

Alcançada a Coroa neſta literaria carreira, como ſua natural inclinaçaõ o aconſelhava a ſeguir a vida Eccleſiaſtica, ſubio ao Sacerdocio a 16. de Julho de 1724. e a 31. na Igreja do Convento da Madre de Deos deſta Corte celebrou a primeira Miſſa, paſſando a parecer Anjo em hum dia, em que naſceo mortal.

Naõ podia faltar hum Miniſtro taõ digno no rectiſſimo Tribnnal da Santa Inquiſiçaõ de Lisboa, e logo o Eminentiſſimo Senhor Cardeal da Cunha, Inquiſidor Geral o nomeou Deputado por Provizaõ ſua paſſada em 14. de Junho de 1724. e tomou poſſe a 23. do dito mez, e anno.

Neſte authoriſado lugar ſerviraõ as ſuas letras, e virtudes a Fè Orthodoxa, como deſcendente de hum ſangue, que tanto tem augmentado a eſte Tribunal o credito, à Religiaõ os triunfos. Nelle eſteve atè o anno de 1730. no qual paſſou a Promotor da Santa Inquiſiçaõ de Coimbra, de que ſe lhe paſſou Provizaõ a 3. de Março, e tomou poſſe a 13. do meſmo mez, e anno. Será neſte Tribunal perpetuamente ſaudoſa a morte deſte inſigne Varaõ, porque naquellas horas, em que os negocios da Fé o deixavaõ reſpirar, pegava na penna, e eſcrevia ſobre a verdadeira origem deſta Inquiſiçaõ com tanta critica,como erudito trabalho. Moſtrava o tempo certo da ſua fundaçaõ, e o mais que ſe paſſara atè ſe eſtabelecer do modo, que hoje exiſte; convencia com documentos authenticos as muitas falſidades, que neſta materia correm impreſſas, e diſſipava as eſcuras trevas de várias confuſoens, que fez o tempo,

tempo, ou a ignorancia, confundindo o falſo com o verdadeiro. Eſta obra, que he hum grande ſocorro para a hiſtoria Portugueza, que eſcreve à Academia Real, ficou de todo compoſta, e para ver a luz publica, ſó lhe falta ſer extrahida dos borradores.

Como todo o devertimento do Senhor D. Franciſco de Almeida era a liçaõ dos livros, poucas eraõ as horas do dia, que nelle paſſavaõ ocioſas. Agora he que eu neceſſitava do que tanto deſejaõ os Oradores humildes, quando ſe vem obrigados a tratar de hum alto aſſumpto: neceſſitava do ſublime eſpirito de Tullio, e da invencivel perſuaçaõ de Demoſthenes, para inſtruir os ſabios vindouros dos profundiſſimos eſtudos deſte raro Varaõ. Elles ſe admirariaõ, e conheceriaõ, que hum homem póde ſer para tudo: ſim; porque foraõ tantos os eſtudos, em que o Senhor D. Franciſco de Almeida era perfeitamente inſtruido, que huma ſó das faculdades,

que

que ſoube, raras vezes a conſeguem idades, e applicaçoens provectas. No Direito Ceſareo, e particularmente no Pontificio eu naõ ſey, que houveſſe quem lhe diſputaſſe, ao menos a igualdade com as primeiras borlas deſte Reyno; naõ havia: todos os Sabios profeſſores ſem incenſar com os vulgares perfumes da liſonja, confeſſavaõ, que ſempre que o ouviaõ, o veneravaõ como oraculo, e ſempre que liaõ ſeus eſcritos, os reſpeitavaõ, como textos. No profundiſſimo eſtudo da Hiſtoria Eccleſiaſtica poderiamos dizer ſem nos valermos da liberdade de Panegyriſta, que fora unico no ſeu tempo, o que naõ dizemos, como couſa inutil; porque naõ ha entre nós Sabio, que tambem aſſim o naõ confeſſe: e para que a poſteridade ſe naõ perſuada, que naſceo eſte conceito, ou da adulaçaõ à peſſoa, ou do amor à Patria, ſaiba, que ſe uniraõ a concordar na meſma opiniaõ muitos Sabios Eſtrangeiros, que como taes naõ podiaõ adoecer de

tal

tal achaque, nem praticar tal virtude.

Por ſervirmos à brevidade, paſſaremos aqui em ſilencio pelos largos Elogios, que fizeraõ aos eſtudos do Senhor D. Franciſco de Almeida muitos Varoens, que hoje luzem em Heſpanha na primeira esfera das letras.

Naõ nos lembraremos agora do que tem eſcrito deſte Cavalhero a elegante penna do celebre D. Gregorio Mayans, e Siſcar Bibliothecario de El-Rey de Heſpanha, e o fazemos por conveniencia, porque ſe deſſemos a ler os ſeus Elogios, valeria menos eſte, que eſcrevemos. 26

Só nos parece, que ſe deve exceptuar o mayor Critico, que teve Heſpanha, o grande Deaõ de Alicante; porque foi hum homem, que peſava os louvores em taõ recta balança, que inſinuando-ſe-lhe fizeſſe hum Elogio a huma peſſoa de diſtincta esfera, e que naõ deixaria de premiar dignamente a ſua penna, naõ quiz manchar papel, eſ-

crevendo

crevendo obra, que inſpirava a adulaçaõ. Pois eſte homem, que era, o que buſcava a lanterna de Diogenes, venerava ao Senhor D. Franciſco de Almeida no eſtudo da Diſciplina Eccleſiatica com tanta diſtincçaõ, que muitas vezes querendo eſcrever huma carta ao doutiſſimo Mayans ſeu intimo amigo, eſcrevia hum Elogio deſte Cavalhero.

Como a Providencia do Ceo quiz dar a Portugal hum filho tal, que illuſtraſſe hum ſeculo, e o invejaſſem as Naçoens eſtranhas, enriqueceo-o com hum talento, que houveſſe de luzir em toda a esfera da erudiçaõ.

Naõ canſaraõ taõ profundos eſtudos ao Senhor D. Franciſco de Almeida; ſoube igualmente a noſſa Hiſtoria Eccleſiaſtica, e ſecular, e com juizo Critico; porque graduava os Authores ſegundo o ſeu merecimento. Foy inceſſante na applicaçaõ à Genealogia de Portugal, em cujo eſtudo era reſpeitado, como

como hum dos raros Genealogicos, que daõ ſeguros paſſos por taõ eſcabrozo caminho, e eſcrevem ſem a vulgar piedade, e liſonja. A Geografia antiga levou-lhe lárgas vigilias, e deveo-lhe igualmente hum particular deſvélo o eſtudo das Medalhas, e Inſcripçoens antigas, para cuja intelligencia naõ foy hoſpede na lingua Grega. Naõ havia quem ſe naõ admiraſſe do copioſiſſimo theſouro de antiguidades, que eſtava depozitado no ſeu entendimento, mais que na ſua Livraria. Naõ he liſonja dizer, que era hum Archivo animado, porque naõ adula ao Sol, quem lhe charmar fonte de reſplendores. Adquirio taõ vaſta erudiçaõ, vendo, e examinando os melhores Cartorios dos Conventos, Igrejas, e Cathedraes do Reyno; para o que tinha o grande ſoccorro de ler perfeitamente toda avariedade de caractéres antigos.

Podia já clamar a juſtiça, de que hum Varaõ completo, que illuſtrava a toda a erudiçaõ, naõ acreditaſſe como ſeu

Socio a noſſa Academia Real; porém naõ tardou a rectidaõ deſte authorizado Congreſſo, porque em 13. de Mayo de 1728. foy eleito parte de taõ ſabio Corpo: ſe nos fora licito, com a liberdade de Panegyriſta eſpecificariamos eſta parte, chamando-lhe Cabeça.

Neſte veneravel Templo da Sabedoria he que propriamente fallou eſte Oraculo ſobre os eſcuros pontos da Hiſtoria Eccleſiaſtica; porque ſendo encarregado de eſcrever da Diſciplina, e Ritos Eccleſiaſticos das Igrejas de Portugal, publicou quatro tomos em folio de Apparato, como preciſos alicerces para taõ alto edificio; obra, que ſendo de penna nacional naõ teve maldizentes: póde ſer, que as bocas dos Sabios eſtrangeiros, que fallavaõ pelas da Fama, ſobre o ſuperior merecimento deſtes livros cerraſſem outras, a quem faria atrevidas a natural mordacidade.

A immenſa machina deſta Obra naõ o impedio, a que apreſentaſſe á meſma Acade-

Academia, como eſtimaveis frutos das ſuas laborioſas vigilias, outros eſcritos criticos ſobre a Diſciplina Eccleſiaſtica, os quaes viraõ a luz publica, além de outros, que ainda naõ gozaraõ deſte beneficio, de que tudo em outro lugar, que havemos eſcolhido, faremos diſtincta mençaõ. 27

Naõ perdia o Senhor D. Franciſco de Almeida tempo em ſervir com os ſeus immenſos eſtudos à gloria da Patria, e às obrigaçoens do emprego Academico. Era para admirar, ou para confundir, vello ſempre na ſua eſcolhida, e taõ copioſa Livraria, que paſſa de onze mil volumes, ſempre ou com a penna, ou com os livros na maõ, perdoando unicamente àquellas horas neceſſarias aos mortaes para o deſcanço. Era a Bibliotheca o Templo da Encyclopedia, e elle o interprete do Oraculo: ſim; em hum dia o achariaõ a deſagravar com a penna a Naçaõ, eſcrevendo ſobre o aſſumpto de ſer Heſpanha indepedente

do governo de França tanto no Secular, como no Ecclesiastico; obra, que se visse a luz publica, faria descer da opiniaõ, e de opiniaõ a republica literaria de França. Em outro dia o veriaõ compondo sobre as Metropoles antigas de Hespanha; em outro sobre a Descripçaõ Geografica, e Alfabetica de todos os Bispados da Igreja Catholica, e em outro da origem, e progressos da Liturgia, e Psalmodia, que se praticou nas Igrejas de Portugal, desde os seus principios até o presente, obras todas, que occupariaõ largos volumes, se a morte as deixasse completar, e se vissem a luz publica, dariaõ luz ao publico.

Em huma occaziaõ o achariaõ ajuntando memorias para escrever a Bibliotheca Hispana, e Lusitana, as quaes occupavaõ muitos volumes, que necessitavaõ de lhe dar forma; e se o Mundo erudito chegasse a ler esta Obra, publicaria della os mesmos elogios, que já tem ouvido o douto Abbade Diogo

Bar-

Barboza Machado, que antes havia emprendido o mesmo assumpto, e jà delle logramos fruto com aquella erudiçaõ, e elegancia, que delle, e de seus Irmãos he patrimonio commum. Em outra occaziaõ o veriaõ escrever aos homens mais eruditos de Hespanha, como D. Braz Antonio Nazarre e Ferriz, I. Bibliothecario de ElRey Catholico, e o Addicionador do Epitome da Bibliotheca Oriental, e Occidental de Pinello, communicando a este particulares noticias para o addicionamento, e áquelle copiosissimos soccorros para a Bibliotheca Universal da Polygrafia Hespanhola, que escreveo D. Christovaõ Rodrigues.

As repostas a estas Cartas foraõ Elogios, que estes grandes homens escreveraõ do Senhor D. Francisco de Almeida nas mesmas obras, para as quaes os soccorrera, e como os dictou o agradecimento, e a justiça, igualmente saõ taõ sinceros, como devidos. 27

Pareceo justamente à Academia Real,

Real, que os profundiſſimos eſtudos do Senhor D. Franciſco de Almeida naõ haviaõ ſempre eſtar occupando o lugar ordinario de Academico, e o elegeraõ para ſeu Cenſor. Com eſte emprego no dia 11. de Janeiro de 1739. abrio a Academia, recitando huma Oraçaõ digna de taõ ſabio Auditorio: tambem o ſora do antigo Senado Romano; porque era taõ perſuaſiva, e natural a eloquencia, que parecia natureza o que era arte.

Para o Senhor D. Franciſco de Almeida ſer em tudo hum Varaõ taõ completo, que naõ o deſejariaõ mayor as idéas de Plataõ, foy ornado de todas aquellas virtudes, que coſtumaõ fazer aos da ſua esféra em vida amados, na morte ſaudozos. A affabilidade, (virtude, que tem mais quem a louve, que quem a imite) foy a que mais o diſtinguio, porque tratava os amigos com familiaridade, os inferiores com modo benigno, e os iguaes com obſequio ſincero;

ro ; porém era tal o equilibrio, de que uzava entre eſta virtude, e o decóro devido á grandeza de ſeu naſcimento, que naõ parecia facil, moſtrando, que naõ ſe lembrava da felicidade, com que naſcera. Se todos nelle teſtificaó eſta naõ vulgar virtude, muitos ſaõ igualmente agradecidas teſtemunhas de outra, que deve ſer o eſpirito, que mais anime a hum ſangue illuſtre. He eſte o ſincero deſejo, que teve de ſempre valer áquelles, que recorriaõ à protecçaõ da ſua peſſoa, ou à das ſuas letras. Aſſim era: taõ prompta tinha a penna para patrocinar litigios, e dependencias, recomendando-as Cavalhero, como para as defender, encaminhando-as Letrado. Como raras vezes naõ acompanha a generozidade a eſta virtude, no Senhor D. Franciſco de Almeida huma, e outra ſempre andaraõ unidas: para os amigos era generozo, para os pobres caritativo, ſendo unicamente com ſua peſſoa taõ parco, que podera parecer avarento. Coroava

Coroava a todas eſtas virtudes a exemplaridade taõ rara da ſua vida, que nelle nunca deſcobriraõ a mais leve mancha, que affeaſſe o Sacerdocio, aquelles, que ſó vivem de eſquadrinhar defeitos: aſſim havia ſer, porque vivia com as direcçoens da Congregaçaõ do Oratorio deſta Corte. Frequentava muito os confeſſionarios deſta exemplariſſima Caza; pois lembrado, de que nella aprendera, quando mancebo, a Sciencia, que he o fundamento de todas as mais, queria que na idade de varaõ o inſtruiſſe no temor de Deos, como principio daquella Sabedoria, que he verdadeira.

Eſtavaõ igualmente taõ conhecidas virtudes, e taõ dilatada erudiçaõ, mais que o alto eſplendor, que herdára de ſeus Mayores, chamando ao Senhor D. Franciſco de Almeida para a elevada Dignidade de Principal da Santa Igreja de Lisboa; e como ElRey Noſſo Senhor em diſtinguir merecimentos he Principe grande entre os mais rectos,

o nomeou para a Ordem dos Presbiteros em 3 Outubro de 1738, e tomou posse em 13. de Janeiro do anno seguinte com huma pompa taõ lustroza, que quem olhava para os merecimentos, que conseguiraõ o lugar, chamavalhe triunfo.

Podera o Senhor Principal de Almeida Mascarenhas, como cançado de taõ immensos estudos, descançar à sombra da authorizada Dignidade, que gozava, recolhendo os applausos como frutos, que respondiaõ à cultura das suas vastissimas letras; porém como era inexplicavel o amor, que tinha às Sciencias, e seguia nos estudos a maxima de Apelles, naõ deixava correr dia com a penna, e olhos ociosos. Sempre o achariaõ ou aclarando os pontos mais duvidosos da Disciplina Ecclesiastica, e examinando Tradiçoens; ou revolvendo Concilios, e computando a ordem dos tempos, como alma de toda a Historia. Raras vezes o tinha em ocio a sa-

grada Faculdade dos Canones; porque frequentemente lhe era preciſo pegar na penna para aclarar as ſuas queſtoens mais eſcuras; o que fazia diſcutindo as duvidas, graduando os authores, e moſtrando a verdade. O eſtudo das Ceremonias, e Ritos da Igreja Catholica levavaõ-lhe taõ largas horas de applicaçaõ, como era preciſo aquem buſcava os fun. damentos, e naõ a ſuperficie; por iſſo os profeſſores o veneravaõ como livro vivo, que magiſtralmente os enſinava, ou como Oraculo, que com brevidade lhes reſpondia.

Fundou-ſe em Valença, com o nome de Academia hum Seminario a todas as Sciencias; e como o objecto principal he o publicar, e illuſtrar no cryſol da verdadeira Critica as antigas memorias de Heſpanha, dando à luz da verdade Collecçoens, Diplomas, Opuſculos, relaçoens, e Fragmentos antigos, com que ſe reſtitua agloria deſta illuſtre Naçaõ; era preciſo o Senhor

Principal neſta anthorizada Sociedade. Aſſim o julgaraõ aquelles Sabios Academicos, e o rogaraõ a que quizeſſe engrandecer taõ nobre Corpo, aceitando o titulo de ſeu Collega.[29]

Podéra recuſar eſte Cavalhero a honra do offerecimento, conſultando a ſeus vaſtiſſimos eſtudos, que naõ o deixavaõ livre; porém como era ardente o amor, e zelo às Sciencias, naõ ſó aceitou, mas agradeceo a eleiçaõ. Quiz logo a Academia dar hum evidente ſinal do quanto diſtinguia a eſte ſeu utiliſſimo Collega, e o nomeou, ainda que auſente, para render as graças à Sabeduria Divina Tutelar da meſma Academia pelos beneficios recebidos, e implorar para o futuro a ſua aſſiſtencia; o que fez em humaOraçaõ taõ elegante,que diz o celebre Mayans no juizo, que della faz, que ſeu Author dá a ler nella tanta eloquencia, como erudiçaõ Eccleſiaſtica, e Secular em outros eſcritos. Naõ ſe podia deſcobrir expreſſaõ mais

viva para hum Elogio , nem mais verdadeira para o merecimento da Obra.

Nesta incessante applicaçaõ occupava o tempo o Senhor Principal para dar glorioso nome à Patria , e eterno assumpto à sua fama, quando os inscrutaveis segredos do Ceo principiaraõ a dar sinal, de que fora prescrita breve carreira à vida deste taõ memoravel Cavalhero : quizeraõ dar-nos a entender , que se nas Sciencias era Sol, tambem o havia ser na duraçaõ. Corria o mez de Agosto deste anno de 1745, e adoeceo o Senhor Principal de huma doença, a que a Medecina naõ soube dar nome proprio. Era frequente a nausea, grande adebilidade do corpo, e a melancolia profunda os remedios applicados mostraraõ na apparencia , que aproveitaraõ; porque começou a sentir conhecida melhoria. Para lograr na convalescença o beneficio de ares puros, escolheo a Quinta, que a sua Caza tem na Villa de Almada. Alli tendo ocioza a penna , e a applica-

applicaçaõ a todo o eſtudo, paſſava o tempo, que parecia benefico à ſua ſaude, quando no dia 7 de Outubro principiando a jantar o accometeo hum Torpor em o braço direito, perdendo pelo largo eſpaço de quarenta e outo horas quaſi o uzo da falla; porém ficando illeſo o dos ſentidos. A beneficio dos remedios reſtituio-ſe o deſembaraço à lingua, e a ſenſaçaõ ao braço; porém conhecendo o Senhor Principal a gravidade da doença, , e temendo como perigoſiſſimo ſegundo ataque, quiz logo fortalecer o ſeu eſpirito, recebendo os Sacramentos; o que fez com tanta piedade, que entaõ he que deu os mais claros ſinaes da inteireza da ſua vida, e do conhecimento da ſua morte, como teſtimunha o Sabio P. Joaõ Baptiſta da Congregaçaõ do Oratorio, com quem ſe confeſſou. Para em tudo eſtar preparado para aquella formidavel hora dos mortaes, em que ſe proſtraõ temerozas as mais fortes virtudes, diſpoz da ſua ultima vontade, di-

ctando

ctando o ſeu Teſtamento, que foy inſpirado pela piedade.

Experimentava o Senhor Principal huma taõ inteira melhoria, que todos ſe perſuadiaõ principiava a lograr a ſua antiga ſaude; porém como o mal retrocedera, mas naõ fugira de todo, chegou o dia 11 do meſmo mez, e nelle lhe deo hum accidente Epiletico, que durando-lhe quazi tres quartos de hora, lhe teve todos os ſentidos em profundiſſimo lethargo.

Acordaraõ eſtes à força dos remedios applicados, e paſſou o Senhor Principal com alivio até o dia 14 em que lhe ſobrevieraõ dous accidentes, que lhe duraraõ quaſi duas horas; e repetindo outro no dia 17, logo a Medicina pelos ſymptomas vio nelle, que era prognoſtico da morte. Chegou em fim o infauſtiſſimo dia de 18 do meſmo mez, e o aſſaltou novamente o mal, que depois de algum tempo lhe reſtituhio a falla; porém depois das tres horas da tarde o pri-

privou ſegunda vez dos ſentidos, e fruſtrados, todos os esforços da Medicina, pelas nove horas da noite do meſmo dia voou entre continuados ſoluços (naõ ſe póde eſcrever ſem manchar o papel com lagrimas) eſte grande eſpirito para a Regiaõ das Almas; e crè a noſſa piedade, conſultando as ſuas virtudes, que ſeria para a das eſcolhidas.

Viveo o Senhor Principal larga idade como Sabio; porque encheo ſeculos com a ſua literatura: breve como homem; porque naõ contou de duraçaõ mais que quarenta e quatro annos, dous mezes, e dezoito dias, cuja deſgraça ſentirá altamente eſte Reyno, em quanto nelle houver zelo da Patria, e ſe reſpeitarem as letras.

Divulgou-ſe logo pela Corte taõ ſenſivel noticia, e penetrou eſta taõ vivamente a toda a Jerarquia, e condiçaõ de peſſoas, que ſe a noſſa penna ſe ſoubeſſe explicar, ſaberiaõ perfeitamente os vindouros a calidade do Varaõ, que

perde-

perdemos. Os Illuſtres com expreſſoens nobres diziaõ, que morrera hum dos que ſuſtentavaõ a gloria da nobreza de Portugal; e os Plebeos com vozes ſinceras, que lhe faltava, quem por affavel, e compaſſivo, naõ tinha entre os da ſua eſféra grande numero de imitadores. Os zeloſos, pondo no Ceo os olhos, adoravaõ os altiſſimos ſegredos de Deos, que ſe ſervio de que eſte Reyno no melhor das ſuas eſperanças experimentaſſe a ſenſivel falta de hum Vaſſallo taõ benemerito. Os Sabios publicavaõ, que emmudecera em Portugal aquelle Oraculo da ſua idade, que na dilatada carreira dos eſtudos chegou em annos robuſtos à baliza, que raras vezes tem tocado os mais proveĉtos: aquelle de quem neſte Reyno ſe podia dizer, que era rariſſimo o erudito, que na Hiſtoria Eccleſiaſtica ſabia o que elle ignorava. A mocidade curioza ſentia com impaciencia eſta perda, lamentando-ſe de que já lhe faltava quem taõ facilmente a ſoccorria naõ menos com noti-

noticias, e correcçoens, que com livros e conſelhos. Os velhos explicavaõ a deſgraça acenando com a cabeça, e nas poucas palavras, que proferiaõ, davaõ por teſtimunhas os ſeus annos, para affirmarem, que na ſua dilatada idade foraõ muy poucas as perdas, que viraõ ſemelhantes a eſta. Finalmente toda a condiçaõ de peſſoas ſe fez igual no ſentimento; e ſendo iſto entre nós muito ainda daremos mayor prova da calidade deſta grande falta, que para a illuſtre memoria deſte Cavalhero he o unico mais digno Elogio. Soube-ſe a triſte noticia no Paço, chegou ao ſagrado daquellas Antecameras, e como todos os ſeus Principes ſaõ os primeiros eſtimadores dos varoens ſabios, com aquellas expreſſoens, que ſoffre a ſoberania, explicàraõ a grandeza da falta pela dos louvores aos merecimentos deſte grande Eſpirito.

Havia a devoçaõ do Senhor Principal determinado em ſeu Teſtamento,

que ſeu corpo foſſe amortalhado no habito de S. Domingos, e que eſperaſſe a reſurreiçaõ univerſal na Capella do Capitulo do Convento, que a Religiaõ do meſmo ſagrado Patriarca tem na Villa de Almada. Aſſim ſe executou, e no dia 19, paramentado, como pedia a grande Dignidade, que tivera, foy a depoſitar à Igreja do dito Convento; e no dia ſeguinte, celebrados os Officios pelos Religioſos Dominicanos, e celebrada a Miſſa pelo ſeu digniſſimo Provincial o P. M. Fr. Manoel Coelho Deputado do Santo Officio da Inquiſiçaõ de Lisboa, deu-ſe o Corpo à ſepultura na parte diſpoſta entre lagrimas; naõ ſabemos ſe em tal acto naſcidas de ſentimento, ſe de goſto, porque viraõ todos, que o roſto conſervava a meſma cor vermelha, que tivera em vida, parecendo ſomno, o que era morte: os olhos pios chamaraõ a eſta circunſtancia myſterioſa, talvez que os meſmos credulos a tiveſſem por natural: como huma, e outra

couſa

cousa podia ser, escrevemos como noticia esta, que nos testimunharaõ pessoas fidedignas, sem dizer, que propende a nossa piedade para ter este final por mysterioso.

Naõ nos esqueceremos de dar a ler aos eruditos, e aos saudosos, a Inscripçaõ, que se lhe poz no Caixaõ, naõ só por servirmos à Historia, mas igualmente à Eloquencia.

D. O. M.
Excellentissimus D. D.
Franciscus de Almeida Mascarenhas
Ex Comitib. de Assumar, Marchion.
de Castel novo
H. S. E.
Philosoph. Theolog. et Jurisprudentiæ
Doctrinà largiter instructus;
Græcæ, Latinæ, Gallicæ, & Hetruscæ
linguæ peritus.
Totius sacræ Historiæ fax nitidissima;
Et Exterorum
Judicio
Diligentissim. Author.

S. Inquiſ. Judex,
Deputat. et Promotor.
Regiæ Academiæ Socius, et Cenſor.
S. L. E.
Presbyter Principalis:
Natus eſt
Anno MDCCI. pridie Kalend. Aug.
Vixit ann. XLIV. menſ. II. dies XVIII
Naturæ conceſſit
Reparatæ Salutis anno.
MDCCXLV
XV Kalend. Novemb.
Bonorum omnium dolore,
Et
Ætern. Sapient. deſiderio.
Dilecto Fratri Frater dilectus
P.

Encobre piedoſa terra o cadaver do Senhor Principal de Almeida Maſcarenhas; porém conſolemo-nos, ò ſaudoſos Portuguezes, que naõ encobrirá a ſua illuſtre memoria; porque vivirá a pezar da inveja do tempo, e da morte, em

em quanto no mar houver aguas, e no Ceo eſtréllas. A noſſa ferida he muy penetrante, porém naõ he mortal; pois eſte meſmo inſigne Varaõ nos deixou para a curarmos hum eſpecifico balſamo nos ſeus muitos, e ſingulares eſcritos. Se a ſua morte nos he altamente ſenſivel por nos faltar hum Sabio da primeira esféra da erudiçaõ, de-nos o ſentimento lugar a lembrarmonos, que nas ſuas Obras impreſſas, e manuſcritas, deixou modo, em que houveſſe muitos ſabios, que com o tempo ſubſtituiſſem a ſua falta; e para que a poſteridade ſaiba claramente a razaõ, que enxugará as noſſas lagrimas, lea o Catalogo, que ſe ſegue, o qual naõ he poſſivel ſer completo; porque ainda que eſte meſmo Cavalhero o eſcreveſſe, naõ teria memoria para ſe lembrar de tudo por ſerem muitos os papeis Canonicos, Hiſtoricos, e Criticos, que em diverſas occaſioens compoz, ſuccedẽdo-lhe o meſmo, que ao grande P. Macedo, que ſendo dotado de huma prodigioſa

digiosamemoria, naõ pode formar com exacçaõ o Catalogo das suas Obras, fazendo-o pobre a mesma abundancia.

31

Obras impressas.

Pratica na occasiaõ em que foy eleito Academico Real. Vem no Tomo das Collecçoens da Academia do anno de 1728

Conta dos seus estudos dada na Conferencia, que a Academia Real fez no Paço em 7. de Setembro de 1728. Na Collecçaõ da Academia do mesmo anno.

Conta de seus estudos dada na Academia Real em 21. de Junho de 1731. Na Collecçaõ da Academia do mesmo anno.

Censura de huma opiniaõ do P. Paschasio Quesnel do Oratorio de JESUS Christo de Pariz, que no livro intitulado: Discipline del' Eglise tireè du nouveau Testament, e quelques anciens Conciles, *pertende provar, que a Disciplina Ecclesiastica das Igrejas de Hespanha foy dependente das de Fran-*

ça

ça. Examinaõ-se os seus fundamentos, e se mostra a falsidade desta asserçaõ. Lisboa Occidental na Officina de Joseph Antonio da Sylva, Impressor da Academia Real 1731. 4.

Primeira Dissertaçaõ Critica contra as Memorias para a Historia do Bispado da Guarda sobre alguns pontos da Disciplina Ecclesiastica de Hespanha, lida na Conferencia da Academia Real da Historia Portugueza de 9 Abril de 1733. Lisboa Occidental, na Officina de Joseph Antonio da Sylva, Impressor da mesma Academia. 1733. 8.

Apparato para a Disciplina, e Ritos Ecclesiasticos de Portugal, Parte primeira; na qual se trata da origem, e fundaçaõ dos Patriarcados de Roma, Alexandria, e Antiochia, e se descreve com especialidade o Patriarcado do Occidente, mostrando, que as Igrejas de Hespanha lhe pertenciaõ por Direito particular, e por occasiaõ desta materia se disputaõ bastantes questoens pertencentes á Dis-

á Disciplina Ecclesiastica curiozas, e naõ vulgares. *Tomo* 1. Lisboa Occidental na Officina de Joseph Antonio da Sylva, Impressor da Academia Real 1735. 4. grande.

Tom. 2. na mesma Officina 1735. 4.

Tom. 3. na mesma Officina. 1736. 4.

Tom. 4. na mesma Officina 1737. 4.

Carta escrita ao P. Fr. Marcelliano da Ascensaõ, Monge Benedictino, em reposta de outra, em que o consultara sobre varios pontos Historicos da Religiaõ Benedictina, Lisboa na Officina de Joseph Antonio da Sylva 1738. fol. tem 81. paginas.

Acçaõ de Graças à Sabedoria Divina Tutelar da Academia Vallenciana, que no dia 18. de Janeiro do anno de 1745. se leo &c. En Valencia en la Imprenta de la Viuda de Antonio Bondasar año de 1745. por Josef de Orga Impressor. 4.

Obras

Obras manuſcritas.

D*Iſſertaçaõ das Metropoles antigas de Heſpanha*, de que ſeu Author faz mençaõ na Conta, que deu de ſeus eſtudos na Academia Real em 21 de Junho de 1731.

Origem, e progreſſos da Liturgia, e Pſalmodia, que ſe praticou nas Igrejas de Portugal deſde os ſeus principios até o preſente; a que ſerve de introducçaõ huma noticia, ou Hiſtoria do Breviario, e Miſſal.

Verdadeira origem da Inquiſiçaõ da Cidade de Coimbra com o tempo certo da ſua fundaçaõ, e o mais, que ſe paſſou até ſe eſtabelecer do modo que hoje exiſte; e ſe convencem com documentos authenticos varias confuzoens, e falſidades, que correm impreſſas neſta materia; e de caminho ſe advertem algumas couſas menos verdadeiras, que correm impreſſas da de Lisboa.

Descripçaõ de todos os Bispados da Igreja Catholica por Alfabeto, declarando a sua situaçaõ Geografica, fundaçaõ do Bispado, privilegios especiaes, de que gozaõ os seus Bispos, Orago da Sé, numero de Ministros, e suas prerogativas fóra do commum. &c.

Hespanha independente do governo de França, tanto no secular, como no Ecclesiastico.

Bibliotheca Hispana, e Lusitana. Passaõ de 40 os volumes de memorias para esta Obra.

Oraçaõ, em que como Censor abrio a Academia Real, recitada no dia 11 de Janeiro de 1739.

Ainda que este immortal Varaõ naõ deixasse taõ preciosos escritos, nunca o ingrato esquecimento se atreveria á sua clara memoria; porque saõ muitos os authores, que para enxugar o nosso pranto, ennobreceraõ as suas pennas, consagrando Elogios aos raros merecimentos de taõ illustre Nacional; dos quaes

quaes neste breve papel faremos larga mençaõ, que naõ será desagradavel aos vindouros.

Panegyrico ao Excellentis. e Reverẽd. Senhor D. Francisco de Almeida Mascarenhas na occasiaõ de ser elevado á Dignidade de Principal da Santa Igreja Occidental, do Conselho de Sua Magestade. Por D. Thomas Caetano de Bem, Clerigo Regular. Lisboa Occidental na Officina de Antonio Isidoro da Fonseca Impressor do Duque Estribeiro Mór 1739. 4. He esta Obra escrita em estylo taõ elegante, que logo parece de Religioso Theatino da Casa de Lisboa.

Panegyrico Metrico ao Excellentissimo, e Reverendissimo Senhor D. Francisco de Almeida Mascarenhas, elevado à Dignidade de Principal da Sagrada Basilica Patriarcal, do Conselho de S. Magestade. Por Fr. Francisco Xavier dos Serafins Pitarra, Religioso da Provincia dos Algarves. &c. Lisboa Occidental na Officina de Pedro Ferreira 1740.

 4. Pela

4. Pela elegancia, e ſuavidade do metro merece eſte Elogio diſtincta eſtimaçaõ.

Ao Excellentiſſimo, e Reverendiſſimo Senhor D. Franciſco de Almeida, ſendo promovido a Conego da S. Igreja Patriarcal, Romance Endecaſyllabo, compoſto pelo Abbade de Rubiaens Luis Calixto da Coſta de Faria. Recebeo eſta diſcreta Poeſia novo eſpirito na traducçaõ, que della fez em Verſo Heroico Latino o P. D. Joſeph Barboſa Clerigo Regular.

Plauſus Tagi, quo Excellentiſſimorum, & Reverendiſſimorum D. D. Didaci de Almeida Portugal, & D. Franciſci de Almeida Maſcarenhas, Sanctæ Eccleſiæ Patriarchalis Principum triunphum, & poſſeſſionem loci in ipſa Sancta Eccleſia celebravit: poeticé deſcriptus a Franciſco Joſepho Freire Uliſſipponenſi. Ulyſſippone. Typis Antonii Iſidori da Fonſeca. 1739. 4.

Igualmente fazem delle diſtincta memoria o P. D. Antonio Caetano de Souſa

Sousa no apparato à sua grande Obra da *Historia Genealogica da Casa Real Portugueza* pag. 172. ẞ. 215. no Tomo 10. pag. 814. e nas suas *Memorias Historicas, e Genealogicas dos Grandes de Portugal* pag. 215. O P. D. Joseph Barbosa nas *Memorias do Collegio Real de S. Paulo.* pag. 395. e no *Archiathæneo Lusitano* pag. 142. e 200. e no *Elogio do Excellentissimo Conde de Assumar D. Joaõ de Almeida* pag. 56. O Abbade Diogo Barbosa Machado no Tomo 2. da sua *Bibliotheca Lusitana*, p. 99 que brevemente sahirá à luz. O P. Antonio dos Reys, de saudosa memoria, na *Oraçaõ, que fez em acçaõ de graças na Academia Real pelo ter promovido a Censor em 12. de Julho de* 1736. pag. 9. O Marquez da Fronteira na *Declaraçaõ, que fez na Academia Real de estar eleito Academico o Senhor D. Francisco de Almeida.* Collecçaõ da mesma Academia, anno de 1728. O douto Antonio Felix Mendes na Dedicatoria, que lhe fez na *Oraçaõ Latina*

tina à morte de D. Manoel Martì Deaõ de Alicante.

Sendo grandes osElogios deſtes Authores, ainda naõ ſaõ os mayores; podem parecer ſuſpeitoſos aos olhos dos vindouros: mais particular eſtimaçaõ merecem os que como agradecidos lhe dedicaraõ alguns ſabios Heſpanhoes; porque ſendo eſcritores eſtranhos, quizeraõ com emulaçaõ parecer no louvor nacionaes. Falla deſte noſſo Varaõ o Addicionador do Epitome da Bibliotheca Oriental, e Occidental de Antonio de Leaõ Pinello, no Prologo da nova Impreſſaõ, que anda no principio do primeiro Tomo, e diz aſſim: *Y otros* (fallando dos Authores, que louvaraõ a Pinello) *de que pudiera formarſe dilatado Catalogo: ſolo dòs eſcogeremos; uno deſſe tiempo &c. otro, cuya fama en nueſtros dias llena el Mundo de ſus deſvèladas, y eruditas tareas, D. Franciſco de Almeida Academico de la Academia Real de la Hiſtoria Portugueſa, cuyo nombre es ſu mayor aplau-*

aplauso, que sobre los Elogios de el Author, que trae Don Nicolàs Antonio añadio en este articulo de la Bibliotheca Hispana quanto merece el Author, y q̃ presto veran los lectores &c.

D. Bras Antonio Nazarre e Ferris, Bibliothecario mayor de ElRey de Hespanha, no Prologo à Bibliotheca Universal da *Polygrafia Hespanhola*, que compoz D. Christovaõ Rodrigues, dando noticia dos documentos, de que se valeo o Author, e nos que elle lhe acrescentou, remettendo-se para os primeiros á Bibliotheca Real, diz, que restituîo outros originaes aquem lhos communicou com estas palavras: *Y las* (Escrituras) 23. 29. 30. *y* 38. *que con otras muchas originales en pergamino, y con un gran numero de inscripciones me remitiò desde Lisboa, sabiendo mi encargo, D. Francisco de Almeida, honor de la Excelentissima Casa de Assumar, sugeto tan conocido en la Europa por su alta nobleza, como por su sublime sabedoria, a cuya amistad*

amiſtad debo agradecer eſte, y otros beneficios, y la Republica Literaria, y la Diſciplina Eccleſiaſtica tantas Obras, con que las iluſtrò.

D. Gregorio Mayans, e Siſcar Cathedratico de Direito Civil em a Univerſidade de Valença. e Bibliothecario de ElRey Catholico, na Carta, que lhe eſcreveo, e corre impreſſa com a data de 3 de Mayo de 1737. dando-lhe noticia da morte do celebre Deaõ de Alicante, diz: *Aſſi la correſpondencia de V. S. me es aora tanto màs eſtimable, quanto màs conſidero quan pocos ſon los que fomentan eſta vida literaria, en que desfaleciera el animo, ſi no hallaſſe alguna aprobacion, en los que ſon capaces de juzgar. Mucho pues me conſuela el que me quede V. S. como regla de mis eſtudios. Y aſſi como los ſentimientos a nadie ſe cuentan con mas alivio, como al que tambien los ſiente; entre todos los de ſu continente he eſcogido a V. S. para referirle extenſamente mi dolor, como a participe*

ticipe del por ſu natural compaſſivo ; y porque a fuer de agradecido conſervará la memoria de aquellas grandes alabanzas, que V. S. debiò a Don Manuel Martì &c. e logo mais abaixo diz : *Ni yo quiero aora referir los Elogios , que privadamente me eſcreviò* (*o* Deaõ) *de las Obras de V. S. porque los reſervo para ocaſion , en que ſean menos gravoſas a la ſingular modeſtia de V. S.* Na meſma Carta fallando do meſmo Dom Manoel Martî, eſcreve : *Y tan juſto apreciador de la bondad , y erudicion , com que V. S. haze màs reſpetable , y mas iluſtre ſu alto naſcimiento, &c.* O meſmo Mayans no Prologo às Obras Chronologicas do Marquez de Mondejar , que publicou em nome da Academia Vallenciana , diz : *Si ya nò es , que mi eruditiſſimo Amigo, e favorecedor el Excelentiſſimo Señor Don Franciſco de Almeida Maſcareñas , immortal honor de la Academia Valenciana , quiere aliviarme de eſte trabajo, para que los lectores logren*

mayor enſeñanza, deviendo la a ſu gran doctrina. a pag. 9.

Já que ao Excellentiſſimo Senhor Principal de Almeida Maſcarenhas, por viver em ſeculo taõ deſſemelhante dos da gratidaõ Romana, faltaraõ os bronzes, para lhe formarem a Eſtatua, em que eternamente com a ſua fama viveſſe a ſua figura, informarey a poſteridade da ſua fiſionomia, para que ſe quizer ſer agradecida, ſe valha deſte papel para fazer o modello. Foy eſte inſigne Varaõ de proporcionada, e elegante eſtatura: o cabello era preto, o roſto de cor branca, ſendo muitos os ſinaes de bexigas; a teſta dilatada, os olhos grandes, e vivos, o nariz à proporçaõ, as faces acezas, a boca pequena, os beiços delgados, e abarba povoada. Acompleiçaõ era em ſi robuſta, ſe os eſtudos a naõ debilitaſſem; porque todos os membros eraõ fortes, fazendo huma perfeita harmonia com o todo. Se eſta informaçaõ naõ paſſar por inutil nos ſeculos vindouros,

ros, e chegar tempo agradecido, em que, como dissemos, se levante nas Academias a Estatua deste Cavalhero, ou se pinte o seu retrato; parece-nos, que a inscripçaõ mais propria para o Pedestal, ou para o Quadro, será dizer: que na illustrissima Familia de Almeida foy este segundo Francisco nas Academias taõ immortal pela penna, como o primeiro no Oriente pela espada.

FIM.

SEGUNDO
ELOGIO
NA MORTE
DO EXCELLENTISSIMO, E REVERENDISSIMO SENHOR
DOM FRANCISCO
DE ALMEIDA MASCARENHAS,

Principal da Santa Igreja de Lisboa, do Conſelho de Sua Mageſtade, &c.

Eſcrito

POR FRANCISCO JOSEPH FREIRE,

E OFFERECIDO

AO ILLUSTRISSIMO, E REVERENDISSIMO SENHOR

JOSEPH ANASTACIO
DE OLIVEIRA,

Miniſtro de Habito Prelaticio da Santa Baſilica Patriarcal, do Conſelho de Sua Mageſtade, &c.

POR FRANCISCO LUIZ AMENO,
Notario Apoſtolico de Sua Santidade.

LISBOA,
Na Regia Officina SYLVIANA, e da Academia Real.

M. DCC. XLV.
Com todas as licenças neceſſarias.

ILL.^{MO} E R.^{MO} SENHOR.

CHEGOU à minha maõ o ſegundo Elogio, que eſcreveo Franciſco Joſeph Freire à memoria ſempre illuſtre daquelle Varaõ

Varaõ raro, aſſim na idade, que contou, como no ſeculo, em que viveo. Já V. Senhoria Illuſtriſſima ſabe, que fallo do Excellentiſſimo Senhor Principal de Almeida Maſcarenhas, que ha pouco nos roubou a morte para eterno argumento de ſaudade commua. Eu que naõ ſou dos ultimos, que ſentem a perda deſte Reyno pela falta de hum tal Cavalhero, quiz dar ao publico hum ſinal do meu ſentimento, ſe naõ com o juizo, certamente com a vontade, mandando imprimir eſte papel, para ſe unir à Collecçaõ de outras obras, que com ancia eſperaõ os curioſos, e os ſentidos. Naõ me levou tempo (o contrario ſuccede muitas vezes) a eſcolha de Mecenas, porque logo me lembrou a peſſoa de V. Senhoria Illuſtriſſima, e podendo ter por fundamento o querer obſequiar ao Eſcritor deſte Elogio, authorizandolhe a ſua Obra com o nome de V. Se-

nhoria

nhoria Illuſtriſſima, confeſſo, que foy o pertender unicamente para mim conſeguir a occaſiaõ de moſtrar, como poſſo, o profundo reſpeito, com que venerando a V. Senhoria Illuſtriſſima acompanho a voz de todos, que o ſabem com rectidaõ diſtinguir, humas vezes pelas ſuas virtudes, outras pelas ſuas letras. Elles dizem, que he V. Senhoria Illuſtriſſima, a pezar da ſua grande modeſtia, ornado daquelles grandes merecimentos, que fazem os homens diſtinctos, os quaes, ſe o meu talento os ſoubera ponderar, certamente leria agora V. Senhoria Illuſtriſſima hum Panegyrico em lugar de huma Dedicatoria. Fallaria, ainda que padeceſſe a moderaçaõ do ſeu genio, nos profundos eſtudos, com que tem illuſtrado a Juriſprudencia, e reſpeitado o ſeu nome na Athenas Portugueza; o que me ſeria taõ facil de provar, que daria

por

por teſtemunha a toda aquella ſabia Univerſidade, que com igual admiraçaõ contava a V. Senhoria Illuſtriſſima por hum dos ſeus Meſtres, que luzem em ſuperior esféra. Diſcorreria naquella eloquencia taõ propria de V. Senhoria Illuſtriſſima, como do antigo Senado Romano, com a qual, explicando as Leys de Juſtiniano, attrahia ſempre, qual Hercules Gallico, aquella mocidade mais diſtrahida nos eſtudos. O que naõ me ſeria facil de eſcrever, ſeriaõ os muitos Actos litterarios, em que V. Senhoria Illuſtriſſima moſtrou, qual era o theſouro da ſua doutrina, e qual o pezo do ſeu talento; porém ſe diſſeſſe, que eſtes merecimentos o collocaraõ no Templo da Encyclopedia, como Collegial do grande Collegio de S. Pedro, explicarmehia com hum conceito taõ nobre, como verdadeiro. Porém tudo iſto, que eu diſſera, ſe a minha capaci-

capacidade me ajudaſſe , e a modeſtia de V. Senhoria Illuſtriſſima o ſofreſſe , inſenſivelmente o venho a eſcrever , dizendo , que ElRey noſſo Senhor , a quem a Juſtiça Diſtributiva conta por Principe grande entre os mayores em diſtinguir merecimentos , nomeara a V. Senhoria Illuſtriſſima para Miniſtro de Habito Prelaticio da Santa Baſilica Patriarcal , onde deſempenha a eleiçaõ de modo , que eſta grande Dignidade eſtá chamando por outras mayores. 2 Aſſim o diſponha Deos , como deſejaõ aquelles muitos , que querem ver premiados os merecimentos , com os quaes he V. Senhoria Illuſtriſſima acrédor à rectidaõ. Aſſim como V. Senhoria Illuſtriſſima tem por ſincéros os deſejos deſtes , aſſim igualmente ſe perſuada , que lhe offereço eſte papel com hum animo taõ ſincéro , como he innata a benignidade de Voſſa Senhoria

Illuſ-

Illuſtriſſima, a quem Deos proſpere pelos dilatados annos que deſejo.

Illuſtriſſimo, e Reverendiſſimo Senhor,

B. as mãos de V. Senhoria Illuſtriſſima

Seu criado

Franciſco Luiz Ameno.

ELO-

ELOGIO LAPIDARIO NA MORTE

DO EXCELLENTISSIMO, E REVERENDISSIMO SENHOR

D. FRANCISCO

DE ALMEIDA MASCARENHAS,

Principal da Santa Igreja de Lisboa.

CAminhante
Pára,
E prepára
Como nacional as lagrymas,
Como eſtranho a admiraçaõ.
Naõ habitará o ſilencio

Neſte tumulo,
Porque naõ ſerá mudo
Eſte marmore:
A dôr mais ſenſivel,
Os ſuſpiros mais ternos
Dará ſenſaçaõ,
Daraõ eſpiritos
A hum inſenſivel.
Por elle
Fallará a ſaudade,
Clamará a perda,
Fazendo deter ſobreſaltado,
E partir ſaudoſo
A todo o caminhante.
Aqui
Se encerraõ humas cinzas,
Que tambem por unicas
Podiaõ ſer da Fenix,
Mas ſaõ de huma Aguia,
Aquella
Que era
O timbre das Armas,
E o timbre daquelles,
Por quem chora o Tejo.

Para teu conhecimento,
Dizendo muito esta pedra,
Ainda se explica pouco:
O sentimento,
Mais que a natureza,
A faz rude.
Sabe Viandante,
Que os Oraculos
Agora he que acabaraõ
De emmudecer:
No eterno silencio
Deste sepulchro
Emmudeceo o Oraculo
Desta idade.
Aqui
Está prostrada a Columna,
Que sustentava o Templo da Encyclopedia,
O Grande,
O Sabio
D. Francisco de Almeida Mascarenhas,
Varaõ, a quem fez claro
O esplendor do sangue,
Clarissimo
O das Sciencias.

 Naõ

Naõ o has de crer;
Pois he certo.
Neſte lugar das ſombras
Naõ ha a mais leve ſombra
Da mentira:
O que para todos era tudo,
Agora he nada;
O que na Arithmetica das Sciencicas
Tinha o valor
De hum grande numero,
Agora na da morte
Naõ he mais, que huma cifra.
Se as letras o chamavaõ Grande,
Eſtas cinzas
O chamaõ pequeno.
Se naõ o comprehenderaõ
Muitos Sabios,
Agora o comprehende
Pouca terra.
Já que ſabes o que he,
Sabe tambem o que foy.
Naõ ſe contenda na poſteridade
Sobre a parte, que foy berço
Deſte Varaõ:

A pa-

A patria he certa;
Nasceo em Lisboa.
Naõ foy sorte da Fortuna,
Foy justiça da Providencia;
Huma Cabeça taõ grande
Só pertencia
A' Cabeça do Reyno.
Na estaçaõ mais ardente,
No mez mais acceso, (1)
No dia destinado
A hum Santo todo fogo (2)
Nasceo esta grande luz.
O que entaõ pareceo acaso
Agora he mysterio.
Veyo ao Mundo
Quando principiava
Hum seculo. (3)
Tambem naõ foy acaso,
Foy instrucçaõ.
Quiz este, principiando,
Mostrar aos seculos vindouros
O como haviaõ acabar,
Quando suassem em produzir
Hum homem de seculo.

(1) *Julho.*

(2) *Santo Ignacio de Loyola.*

(3) *Anno de* 1701.

Aquelles

Aquelles
Que attendem para os exemplares coſtumes
deſte Varaõ,
Daõ-lhe por pays
As virtudes;
Os que olhaõ para a natureza,
Daõ-lhe
Os Condes de Aſſumar
D. Joaõ de Almeida,
E Dona Iſabel de Caſtro.
Huns, e outros
Erraraõ na diſtinçaõ:
Attendendo-ſe aos coſtumes,
Só podia naſcer deſtes Cavalheros
Quem era taõ exemplar;
Conſultando-ſe a natureza,
Só devia naſcer das virtudes
Quem era taõ perfeito.
Como era Almeida,
Naſceo melhor homem
No mez dos Fortes. (4)
Aliſtou-ſe
Soldado de Chriſto,
E para veſtir as armas da pureza,

(4) *Agoſto.*

Puri-

Purificou-ſe
Nas aguas do Jordaõ.
Tambem neſte dia (5)
Naõ faltou o myſterio;
Como naſcia para Sabio
Renaſceo na Igreja
De huma Santa Doutora. (6)
Apenas eſta tenra planta
Entrou na eſtaçaõ,
Em que ſó devia
Florecer
Começou antecipada
A frutificar.
Confundio-ſe a Primavera com o Outono.
Teve infancia,
Naõ teve puericia;
Bem ſe pudera dizer o meſmo
Da adoleſcencia,
Porque ſe equivocou com a virilidade.
Inſtruido por hum Tullio (7)
Na pura linguagem da antiga Roma,
Entrou no Santuario das Virtudes (8)
A ouvir o Oraculo (9)
Do Santuario Peripatetico.

Logo

(5) *11 do dito mez.*

(6) *A Freguesia de Santa Catharina de Monte Sinay.*

(7) *O Padre Manoel Rodrig. Dias, Prior de Saõ Pedro de Torres-Novas.*

(8) *A Caſa da Congregaçaõ do Oratorio deſta Corte.*

(9) *O Padre Meſtre Filippe Neri.*

Logo
Correo de modo a cortina
Aos myſterioſos ſegredos da Filoſofia,
Que ſe faltára no Tripode
O Interprete,
Elle ſubſtituiria o lugar.
Eſte conceito,
Primeiro que ſe leſſe neſte tumulo,
Se ouvio naquelle tempo,
Quando em publico Certame
Coroou a Filoſofia
Com os louros, que alcançara
No triunfo.
Pedia tanto Sol
Mais dilatada Eclyptica:
Achou-a
Na mayor esféra das Sciencias,
A Univerſidade de Coimbra.
Rayaraõ as ſuas primeiras luzes
No melhor Areopago (10)
Da Athenas Portugueza,
Onde
Applicado à faculdade Canonica,
Servio de tal aſſombro,

(10) *O Collegio Real de S. Paulo.*

Que

Que ſe naõ ſoube o tempo,
Em que a aprendera,
Logo principiou a enſinalla:
Pareceo milagre,
O que era eſtudo.
Naõ has de ſaber
Quaes foraõ os applauſos,
Que eſte Atleta ouvio,
Quando em publicos certames
Deu fim à litteraria carreira
De ſeus eſtudos,
Coroando-ſe vencedor:
He juſto,
Que agora os publique o ſilencio,
Já que naquelle tempo
Os publicou o paſmo,
Empregado em ver,
Que huma idade
Na manhãa
Eſpalhaſſe tantas luzes,
Que ainda ſe naõ deviaõ eſperar
Ao meyo dia.
O Tribunal da Fé Orthodoxa,
Que erigio o zelo Luſitano,

Foy
Quem primeiro ſoube avaliar
O pezo deſte talento.
Elegeo-o para ſeu Deputado;
Porque conheceo,
Que contra os inimigos
Da Religiaõ
Teria aquella atalaya
A melhor ſentinella.
Da Inquiſiçaõ de Lisboa
Foy deputado Promotor
Para a de Coimbra.
Neſta Cidade de Hercules
Tambem como tal
Venceo monſtros.
Naõ podia deixar de pelejar,
E de vencer
Quem era *Almeida.*
Empunhou a eſpada do Tribunal,
E vencendo,
Convencendo
A perfida hereſia,
Algemou eſtes monſtros
Ao carro da Religiaõ triunfante.

He

He eſtreito eſte marmore
(Tambem o fora hum livro)
Para deſcrever os eſtudos
Deſte Varaõ;
Porque foraõ immenſos.
Como ſe ha de comprehender neſta pedra,
O que os Sabios naõ comprehenderaõ?
O mais que póde dizer
O Laconiſmo deſte Epitafio
He,
Que na Hiſtoria ſecular deſte Reyno
Naõ teve primeiro;
Aſſim o confeſſaõ os naturaes:
Na Eccleſiaſtica univerſal
Naõ teve ſegundo;
Aſſim o publicaõ os eſtranhos:
Aquelles com deſvanecimento,
Eſtes com ſinceridade,
Todos ſem liſonja.
Com os olhos da Chronologia mais exacta,
Com os paſſos da Geografia mais certa
He que via,
He que caminhava
Por eſtudo taõ immenſo:

Huns
Serviaõ-lhe para ver
Entre as trevas da ignorancia,
Outros
Para se desembaraçar
Do labyrintho das confusoens.
Na Critica foy Mestre,
Na Liturgia Oraculo:
Nesta
As repostas eraõ taõ breves, como claras,
Naquella
O juizo era taõ severo, como solido.
Com delicadeza, e propriedade
Explicou os seus pensamentos
Nas linguas mais polidas
De Europa:
Podiaõ tello por natural;
Tambem na Grecia naõ seria hospede.
Em idade florente
Pareceo antigo
Em ser Antiquario:
A sua memoria
Era copioso Archivo
De todas as Memorias,

Que

Que o diſcurſo do tempo
Sepultara ſem diſcurſo
No ſepulchro do eſquecimento.
Finalmente
Em toda a erudiçaõ foy taõ raro,
Que o nó da mayor duvida,
Se elle o naõ deſatava,
Era mais que Gordiano:
Aſſim o publica
O Templo da Sabedoria,
A Academia Real Portugueza,
Que o logrou ſeu Academico:
O meſmo confeſſará
O Archivo da erudiçaõ,
A Academia de Valença,
Que ſe honrou com tal Collega;
Porém a luz,
Que havia illuſtrar
A Heſpanha,
Apagou-ſe
Em Portugal.
Eſtes vaſtiſſimos eſtudos
O fizeraõ em vida taõ reſpeitado,
Como o faraõ agora ſaudoſo.

Da

Da boca de todos
Com ouvidos modeſtos,
Ouvia Elogios:
Até os Ariſtarcos,
Como naõ podiaõ offerecerlhe outro holocauſto,
Rendiaõ-lhe por ſacrificio
A ſua meſma inveja.
Emulas das Sciencias
Foraõ as virtudes;
Se aquellas
Se empenharaõ
Em lhe enriquecer o entendimento,
Eſtas
Competiraõ
Em lhe ornar o animo,
Para melhor ſe ornarem a ſi.
Na affabilidade foy tal,
Que ouvia os melhores applauſos,
Que ſaõ os plebeos:
Diziaõ,
Que parecia naõ ſe lembrava
De ſeu Appellido.
Erraraõ neſta parte:
Nunca melhor ſe acordava de quem era,
Como

Como quando praticava
Tal virtude.
Ella o fez amado,
Quando por ſer grande
Mais ſe devia temer, que amar,
No ſincéro deſejo
De valer aos afflictos,
Na Compaſſiva caridade
De remediar os neceſſitados
Foraõ raros os que o igualaraõ,
Nenhuns os que o excederaõ.
Lagrymas agradecidas
Humedecem eſtas cinzas,
Naõ ceſſando os favorecidos
Em chorar
Por quem naõ ceſſava
Em lhes valer.
Na generoſidade
Moſtrou ſer Cavalhero;
Na modeſtia
Pareceo ſer Religioſo.
Naõ ſe falla na exemplar inteireza da ſua vida;
Viveo como quem era mortal,
E havia ſer eterno;

Como quem ſabia,
Que na Dialetica da morte
O mayor argumento de huma couſa ſer pequena
He ſer grande.
Em fim
Todas as virtudes
Dignas da Sabedoria,
Dignas da Nobreza,
Dignas do Sacerdocio,
Nelle
Se admiraraõ em taõ alto grao,
Que nas ſuas luzes
Naõ deſcobriaõ hum leve atomo
Aquelles,
Que por boca da inveja,
Dizem, que até o Sol tem manchas.
Todos eſtes merecimentos
Formaraõ a alta eſcada
Para eſte Varaõ ſobir
Àquella Dignidade, (11)
Que no eſplendor
Unicamente cede
A' dos Padres purpurados
Do Senado Apoſtolico.

(11) *A de Principal da Santa Igreja de Lisboa.*

ELREY

Elrey
D. JOAÕ, o GRANDE,
Mais o confirmou, que o elegeo;
Approvou
A eleiçaõ, que fizeraõ as letras,
Naõ menos as virtudes.
Collocado
Neſte altiſſimo lugar,
Todos, por intereſſados,
Annunciavaõ-lhe
Muy larga duraçaõ:
Perſuadiaõ-ſe,
Que no Olympo de tanta Dignidade
Correriaõ os dias
Sempre ſerenos.
Enganaraõ-ſe:
Como as couſas,
Quando chegaõ ao gráo de perfeiçaõ,
He preciſo, que declinem,
Enfermou,
E acabou a vida
Eſte Sabio
Com tanta brevidade,
Que nella ſe pareceo com o Sol,

Declinando
Do Meyo Dia
Para o Occaſo.
Praza a Deos,
Que tambem ſe lhe aſſemelhe,
Renaſcendo
Em eterno Oriente!
Naõ ſaberás,
Curioſo Caminhante,
O dia, e anno,
Em que deixou os deſpojos da mortalidade.
Eſta pedra,
Se bem que he funebre,
Naõ he negra,
Para nella ſe eſcrever taõ fatal noticia.
Só para teu deſengano
Saberás,
Que na ordem do tempo
Naõ contou mais idade,
Que a de quarenta e quatro annos,
Dous mezes,
E dezoito dias.
Ha de te parecer pouco:
Enganas-te;

Ainda

Ainda como homem
Viveo muito.
Aqui (12)
Banhado de lagrymas commuas,
Mas naõ vulgares,
Se occulta
O que nelle era mortal;
O que era immortal
Manifesta-se
Na Bibliotheca dos livros, que escreveo.
Nelles,
Apezar das fouces segadoras
Da morte,
E do tempo,
Vive,
E viverá
A sua illustre memoria,
Como melhor vida,
Em quanto o Sol correr para o Occaso,
Os rios para o mar.
Adverte
Em naõ culpares a morte
De arrancar hum fruto,
Quando mais florecia:

(12) *Na Capella de S. Pedro Martyr, que está no Capitulo do Convento de Saõ Paulo da Villa de Almada.*

Olhou para as letras,
Obſervou as virtudes,
Attendeo para os demais merecimentos;
E porque naõ pode perſuadirſe,
Que arrebatava hum moço,
Entendeo, que levava hum velho.
Parte, Caminhante,
Obſerva
Se pelo Mundo
Vês outro Varaõ igual,
E regula a tua vida
Por eſte relogio,
Em que o vidro he hum ſepulchro,
O pó humas cinzas.

A varaõ taõ grave
Seja-lhe a terra leve.

LICENÇAS.

Do Santo Officio.

Censura do M. R. P. M. Rodrigo de Sá, da Congregaçaõ do Oratorio, Qualificador do Santo Officio, &c.

EM.^MO E R.^MO SENHOR.

OBedecendo ao preceito de V. Eminencia vi o *Elogio Lapidar*, que na morte do Excellentissimo, e Reverendissimo Senhor Dom Francisco de Almeida Mascarenhas, Principal da Santa Igreja de Lisboa, do Conselho de Sua Magestade, &c. escreveo Francisco Joseph Freire, Ulyssiponense: e naõ só o acho muito conforme à verdade da Fé, e santidade dos costumes; mas muito verdadeiro, grave, claro, e conceituoso; e por todos estes titulos muito digno de se estampar, para que nas memorias do grande Heroe, que lhe serve de assumpto, se perpetuem os creditos deste Reyno; e os que

o Au-

o Author tem juntamente adquirido com outros elegantes escritos, que com universal applauso correm impressos, se augmentem, fazendo-se publico este Elogio, igualmente digno do applauso, e estimaçaõ de todos. Vossa Eminencia mandará o que for servido. Lisboa, e Congregaçaõ do Oratorio, 22 de Novembro de 1745.

Rodrigo de Sá.

VIsta a informaçaõ, póde imprimirse o Elogio, que se appresenta; e depois de impresso tornará para se conferir, e dar licença, que corra, sem a qual naõ correrá. Lisboa, 23 de Novembro de 1745.

F. R. de Alancastre. Sylva. Abreu.

Amaral. Almeida. Trigoso.

Do

Do Ordinario.

COncedemos licença, viſta a do Santo Officio; e depois de impreſſo, tornará para ſe conferir, e dar licença, ſem a qual naõ correrá. Lisboa, 24 de Novembro de 1745.

D. J. Arcebiſpo de Lacedemonia.

Do Deſembargo do Paço.

QUe ſe poſſa imprimir, viſtas as licenças do Santo Officio, e Ordinario; e depois de impreſſo, tornará à Meſa, para ſe conferir, taxar, e dar licença para que poſſa correr, ſem a qual naõ correrá. Lisboa 11 de Dezembro de 1745.

Almeida. Carvalho. Caſtro.